

## A Identidade de Gênero Racializada em Isaltina Campo Belo (Conceição Evaristo)

Anne Caroline Quiangala

475

### Resumo

É observável que, nos últimos vinte anos, a circulação de textos e ideias de intelectuais feministas Negras têm aumentado nas universidades brasileiras. Entretanto, essa divulgação invisibiliza o fato de que o conhecimento dessas intelectuais é a elaboração de experiências específicas (interseccionais), o que se aproxima do que a autora Conceição Evaristo denomina escre(vivência). Embora perfeitamente descrita, a compreensão plena decorre de um lugar de fala semelhante. É a partir dessa crítica à apropriação da fala dessas intelectuais e, sobretudo, à análise da literatura de mulheres Negras empreendida por acadêmics que vêm na esteira da divulgação com fins de assimilação que eu - mulher Negra - proponho a análise do conto Isaltina Campo-Belo, de Conceição Evaristo.

*Palavras-chave: escrevivência, literatura negra, intelectuais Negras, Conceição Evaristo, Feminismo Interseccional.*

*Asseguro que a minha condição étnica e de gênero, ainda acrescida de outras marcas identitárias, me permite uma experiência diferenciada do homem branco, da mulher branca e mesmo do homem negro. A minha experiência pessoal influencia a minha escrita conduzindo o ponto de vista, a perspectiva, o olhar que habita meu texto.*

(Conceição Evaristo)

É observável que, nos últimos vinte anos, a circulação de textos e ideias de intelectuais feministas Negras têm aumentado nas universidades brasileiras. bell hooks e Audre Lorde são as mais conhecidas nos meios acadêmicos e nos movimentos sociais, porém, há duas ressalvas que gostaria de pontuar quanto a isso. A primeira é a invisibilização de intelectuais brasileiras; durante a minha graduação simplesmente não existiu Sueli Carneiro, Jurema Wernek ou Lélia Gonzalez fora a disciplina *Pensamento Negro Contemporâneo*. A segunda é o total

absenteísmo crítico da produção intelectual dessas intelectuais, (em especial a complacência com hooks<sup>1</sup>) *porque são Negras*. Por fim, o mais cruel: os modismos que incluem - atualmente - Chimamanda Ngozi Adichie<sup>2</sup>, sem dúvidas, se embrenham no exotismo, na tolerância<sup>3</sup> e na inclusão<sup>4</sup> à medida que ignoram e excluem as tão faladas especificidades e o conhecimento científico que decorrem dessa(s) experiência(s) específica(s). É exatamente essa lacuna, não exatamente vazia, quanto à abordagem numa perspectiva específica<sup>5</sup> (cunhada pelos traços identitários de etnia e gênero) o meu norte para a análise do conto de Conceição Evaristo "Isaltina Campo Belo" que faz parte da obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*.

Segundo a historiadora Bárbara Araújo (2011), Conceição Evaristo nasceu em 1946, em uma favela na cidade de Belo Horizonte além de ser filha de uma lavadeira que, assim como Carolina Maria de Jesus, matinha um diário onde anotava as dificuldades de um cotidiano sofrido. Exposta desde pequena ao racismo, Conceição Evaristo tornou-se uma escritora Negra de projeção internacional, além de uma militante que atua em espaços acadêmicos e nos

---

<sup>1</sup>Os textos de hooks sobre gênero são visivelmente conduzidos por uma orientação heterossexual e heterossexista. O ápice, talvez, tenha sido o ensaio em que celebra o pênis *Penis Passion* (*Disponível em: <www.lionsroar.com/penis-passion/>*. Acesso em 10 jul. 15.). Esse debate, bem como a categórica afirmação "Beyoncé é uma terrorista" (*Disponível em: <WWW.genius.com/Bell-hooks-beyonce-is-a-terrorist-annotated>*. Acesso em 10 jul. 15.) enriqueceriam perspectivas feministas, mas são apagadas por uma condescendência racista. Aliás, pelo medo de ser racista de feministas brancas que sentem a necessidade de idolatrar e medo de "queimar uma irmã" por parte das Negras.

<sup>2</sup> Escritora nigeriana que tem sido muito conhecida por ser uma escritora africana anglófona. Participou de um clipe que atribuiu o status à Beyoncé de celebridade feminista e, também de uma palestra do TEDx Talk intitulada: "Devemos ser todas feministas" e "O perigo da história única".

<sup>3</sup> Tolerar geralmente está ligado ao esforço em aceitar a existência, o que é distante da igualdade das diferenças.

<sup>4</sup> Outro equívoco quando se pensa em minorias. A inclusão geralmente está no bojo da tolerância e ser "suportadx com indulgência" não é o ideal de relação humana.

<sup>5</sup> No texto *Sobre equiparar ao que não existe* (QUIANGALA, 2015), centralizei a discussão sobre a invisibilidade de Mulheres Negras nas discussões raciais e, sobretudo, ao fato de que a existência é negada e, ao mesmo tempo, não. Essa forma de racismo baseia a discriminação racial no Brasil de forma semelhante ao comportamento de pessoas que causam esquisofrenia: duplo vínculo. Sobre este conceito da psicologia ver: CARVALHO, José Jorge de. **Bases para uma aliança negro-branco-indígena contra a discriminação étnica e racial no Brasil**. <www.ciadejovensgriots.org.br/livros/racismo%20indios%20e%20negros.pdf>.

movimento sociais. Evaristo é mestre em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e doutora em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense. A inserção no espaço acadêmico, além de assegurar a inscrição a certo nicho do Campo literário<sup>6</sup>, possibilita uma agência sob sua escrita de auto-representação que ela denomina escre(vivência)<sup>7</sup>. No trecho que selecionei como epígrafe deste trabalho Evaristo reitera a trajetória, a consciência e o compromisso político que se expressa na estética literária que analisarei a seguir.

O conto *Isaltina Campo Belo* faz parte da coletânea *Insubmissas Lágrimas de mulheres*, lançada em 2011 pela editora Nandyala. A proposta da autora nesse livro foi responder às críticas de feministas Negras sobre a tragicidade do livro anterior: *Ponciá Vicêncio* (2003/2006). Segundo Evaristo, o "Insubmissas" é sobre finais felizes para mulheres Negras<sup>8</sup>. As trajetórias, mesmo que permeadas de dor, são superadas pelo fio condutor que é a insubordinação/insubmissão às violências (até mesmo ao sofrimento) direcionadas às mulheres Negras.

Em *Isaltina Campo Belo*, temos uma narrativa que apresenta duas vozes narrativas de mulheres Negras em primeira pessoa. A primeira é uma visita que vai à casa de Campo Belo a fim de "colher a sua história"; temos índice de uma de suas categorias sociais quando ela diz " guardei o silêncio, o momento de fala não era meu" (EVARISTO, 2003, p.49) que faz parte de chavões antropológicos. A segunda é a própria Isaltina narrando sua árdua trajetória pessoal centrando na sua identidade de gênero conflituosa desde os seis anos: sentia-se um menino. Esse conflito pessoal atravessa toda a infância e adolescência até confirmar-se

---

<sup>6</sup> BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**: gênese e estrutura do campo literário Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

<sup>7</sup> EVARISTO, 2006, p.6 *apud* LEAL, 2015, p.125.

<sup>8</sup> Uma das pessoas que fez essa provocação é a minha tia que conhece a autora de longa data. Na qualificação da minha desta, Conceição Evaristo respondeu a provocação dessa maneira.

como reafirmação da descontinuidade entre a sua orientação sexual e o sexo biológico o que usualmente não é nomeado. Dentro duma estrutura social heteronormativa, o espectro de performances é ocultado com objetivo de reafirmar o caricatural binarismo e não tornar outras formas inteligíveis e - consequentemente - possíveis. O problema é que além de heteronorma, a sociedade é constituída por uma miríade de opressões que se sobrepõe, distanciando cada individuo/a do ideal, descrito por Audre Lorde (1984) como "norma mítica". É desse silêncio relegado aos corpos que são subalternizados<sup>9</sup> por somarem opressões, que parte a minha visão crítica.

A fratura do texto é a descontinuidade do gênero da protagonista Isaltina, pois ela tem o sexo biológico feminino e sente desconformidade quanto a ser mulher. Usualmente, para análise dessa contradição, seria pertinente partir do conceito de gênero da filósofa Judith Butler (2003). Segundo esta pensadora, o gênero é o resultado de variantes: sexo biológico, performance, orientação sexual e desejo. Individu<sup>10</sup>s que apresentam continuidade entre essas variantes (cis<sup>11</sup> gênero heterossexual) correspondem às categorias hegemônicas Mulher e Homem. Por outro lado, existe um espectro de descontinuidades que relegam a quem *desobedece a matriz heterossexual* um não-lugar, isso é, a abjeção. Ainda que Butler (2003) leve em conta diversas centralidades nesse não-lugar da abjeção, a especificidade de raça/cor/etnia bem como classe, escolaridade, idade não é

---

<sup>9</sup> Compreendo que o uso de "escravizadx" e "subalternizadx" em detrimento de "escravo" ou "subalterno" marca uma perspectiva histórica de dominação e sujeição de indivíduos/as que usualmente é apagada ou mesmo atribuída à vítima. O ponto é que ninguém nasce ou é escravx, as pessoas podem estar nesta situação violenta e desigual.

<sup>10</sup> Usarei o x para substituir as vogais que determinam o gênero de pessoas a fim de evitar o masculino ou feminino universal ou descrever cada possibilidade. É uma síntese e um posicionamento político em relação à convenção binária dos gêneros.

<sup>11</sup> *Cis* e *Trans* Gênero são formas de descrever continuidade ou não entre o sexo biológico de nascimento e o gênero. Pessoas trans podem ou não passar por mudanças corporais induzidas por hormônios e cirurgias, optar pelo uso de nome social bem como de pronome adequado ao que é: homem, bem como o contrário é possível, para mulheres trans, pois são mulheres.

discutida e assinalada em *Problemas de gênero*, o que me leva a compreender que trata-se de uma perspectiva incompleta para a experiência de *Isaltina Campo Belo*.

Como Isaltina Campo Belo é Lésbica e identifica-se com a masculinidade, seria pertinente usar o pensamento de Butler como aporte teórico. No entanto, como se trata de uma pessoa Negra parece reducionista pensar que ela é *Lésbica*, logo se apropria de um desejo socialmente codificado como masculino e assim passa a querer ser homem<sup>12</sup>, já que o pressuposto social é de que toda a mulheridade é alva. Como essa percepção raramente é acionada me parece relevante partir da tese da cientista social estadunidense Lisa Couvignon intitulada: *Todas as mulheres são brancas, todos os negros são homens*<sup>13</sup>. Embora estejamos num processo analítico de uma narrativa curta, há um processo de formação identitária desde a infância até a fase adulta de tal maneira que me parece relevante destacar a complexidade a partir da experiência racial.

Se por um lado, a questão é a inteligibilidade (o que pode decorrer que o desejo de ser de outro gênero é índice da homossexualidade<sup>14</sup>), por outro, a naturalização do engendramento sem ter em vista especificidades étnico-raciais ignora que: 1) estupros, pilhagens e exploração de outros povos e lugares, têm sido feitos em nome da feminilidade branca: para satisfazê-las com mais joias,

---

<sup>12</sup> Simone de Beauvoir (1980) no primeiro volume do *Segundo Sexo* já distinguia a diferença entre sexo biológico e gênero. Separar "ser homem" de "ser masculino" é essencial para a discussão. A primeira se refere unicamente à genitália ao passo que o segundo trata de uma série de funções e atributos sociais que qualquer corpo é capaz de ser/executar.

<sup>13</sup> **Tradução nossa** do título da tese de COUVIGNON (2010).

<sup>14</sup> A partir da compreensão de Wallon sobre o desenvolvimento da criança, concluo que a noção de gênero na infância demanda um tipo de abstração desproporcional ao estágio de desenvolvimento infantil. Possivelmente, nessa faixa-etária, ser menino/masculino e menina/masculina é tem significação restrita à coerção escolar (azul ou rosa) e familiar (tarefas, o que pode, o que deve e o que não pode). A criança pode entender que a transgressão está no campo do que não existe, portanto, ela é oposta ao que deveria ser. Isso é uma experiência comum entre garotas porque somos cerceadas desde sempre; se somente homens têm características valorizadas (força, coragem, agência), podem se divertir e terem conforto nas vestimentas, ser garoto parece ser uma boa opção de querer ser. Por fim, a cantora Teresa Cristina (s/d), num depoimento, afirma que, Durante a infância, tinha medo de ir para escola, pois ser Negra impossibilitava saber o que ia acontecer.

dinheiro, etc. e que, 2) conforme a lógica vitoriana, mulheres Negras são castradoras, isto é, mais fortes que os homens negros que, em si, são considerados mais fortes "já que seus pênis são maiores"<sup>15</sup>.

O problema é tanto que Campo Belo já parte do lugar de não-mulher conferido pela raça (exceto durante o estupro) quanto pelo engessamento das categorias de gênero. Acaso ela poderia ser algo que não homem? As múltiplas opressões operam em todos os momentos e espaços, de modo que "um dos modos de parar" (COUVIGNON, 2010) é abdicar de uma das identidades. Segundo Couvignon (2010), como a raça inscreve-se de forma indelével e gênero normalmente é uma experiência que garotas Negras devem vivenciar sem suporte, essa é a primeira a ser negada pela jovem, numa típica ilusão de agência<sup>16</sup>. O racismo<sup>17</sup> impede que experiências de pessoas negras sejam validadas e, somado a isso a negação da mulheridade Negra sexualizada reitera a não-mulheridade conferida pela raça. Esse delineamento prático de uma teoria invisibilizada, impossibilita a leitura usual de que ser homem para a garota Negra converge para a lesbiandade. Afinal, já não era mulher mesmo.

Isaltina nasceu numa família negra ativa em que a dignidade era reiterada depois de um irmão e de uma irmã (EVARISTO, 2003, p.50). A família de Campo Belo é descrita como estável financeira e afetivamente, mas seus pais aparecem como uma fonte de normatização de gênero. A criança sentia desconformidade com aspectos mulheris da mãe e da irmã e identificava-se com o irmão e era condescendente com o fato de seu pai ignorar seu conflito pessoal (EVARISTO,

---

<sup>15</sup> LINDSAY, Kay. **The Black Woman as a Woman**. In CADE, Toni (org.). *The black woman: an anthology*. Canada: A Mentor Book, 1970.

<sup>16</sup> Uma atitude comum de indivíduo/a em situação de opressão é optar por apagar uma das identidades, isolar-se ou mesmo de aliar-se a/o opressor/a a com a ilusão de que sua escolha reduzirá o impacto da violência sofrida.

<sup>17</sup> Lorde (1984) descreve como a crença em uma superioridade inerente de uma raça em relação às demais e, portanto, em seu direito de dominação.

2003, p. 52). Como essa identificação não era compreendida pelas pessoas à sua volta, ela chegou à adolescência com a sensação de não conformidade. A narradora pontua que o que a menstruação foi uma cisão com as suas práticas que eram lidas como masculinas (ou neutras, se praticadas por crianças) como subir em árvores "só o meu irmão que podia" (EVARISTO, 2003, p. 53).

A sensação de desconformidade foi agravada quando a personagem percebeu que o seu corpo não era adequado ao desejo sexual. A menstruação era vivenciada como o impedimento de identificação com a masculinidade ao mesmo tempo que definia o destino de ser mãe. A fuga/negação de identidade de gênero descrita por Couvignon (2010) somada à negação da orientação sexual acontece durante a adolescência inteira de Campo Belo (EVARISTO, 2003, p. 54) a ponto de impossibilitar experiências amorosas. Tal negação é mostrada na trama como deslocamento até que, durante a faculdade (ela cursou enfermagem<sup>18</sup>) namorou um homem.

Este homem, junto a outros cinco, arma uma emboscada com o intuito de violentá-la (por ser mulher) e reafirmar a objetificação e hipersexualização da mulher Negra. A violência dupla exercida por esse personagem é o sexismo racializado<sup>19</sup>, uma violência que é específica de mulheres Negras indissociavelmente pelo sexo e raça. Neste sentido, embora seja provável que o namorado seja branco (pois não há marca de raça/cor como há nas narradoras) é possível que ele seja negro. E estupro é um dos estereótipos construídos sobre homens negros. Essa possibilidade traria a tona o que o sociólogo Stuart Hall

---

<sup>18</sup> Cuidar é uma atribuição codificada como feminina segundo as leis de inteligibilidade sexual (BUTLER, 2003) e, também, faz parte do imaginário sobre a Preta escravizada. Dessa forma, enfermagem pode ser lida no conto como reforço da performance profissionalizada de sexo e raça.

<sup>19</sup> "New Racism" é um termo cunhado em 1981 pelo marxista Martin Barker a fim de descrever a ideologia que dava suporte ao governo de Margaret Thatcher. A feminista Negra Patrícia Hill Collins usa o termo para descrever a experiência de alteridade causada pelos estereótipos específicos pela intersessão "mulher e Negra", ideologia que acomete inclusive homens negros. Ver: COLLINS, P.H. **Black Sexual Politics: African Americans, Gender, and the New Racism**. New York: Routledge, 2005.

(2006) descreve como identidades conflitantes, mas não é esse o foco dessa análise. A fissura é o interesse conflitante presente na identificação de Isaltina com "homem".

A violência sexual racializada vivida por Isaltina redimensiona a identificação dela com masculinidade e prepara para a experimentação sexual que, posteriormente construirá a identificação com a mulheridade. A função do estupro na diegese é a de representar a relação dialética entre as atribuições físicas e psicológicas da personagem e a sociedade. Revelação do poder e nocividade fundamentado no falo e no logos - conhecimento<sup>20</sup> - e que leva a narradora à des-identificação através de sensações de vergonha, impotência e nojo (EVARISTO, 2003, p.56) .

Além da violência ter demarcado que a fisiologia antecede a identificação na vivência social, através da gravidez, ela reforça o terreno móvel da identidade. Isaltina passou por um longo período de nulidade, espécie de luto que só foi rompido com o nascimento de sua filha Walquiria. A maternidade reviveu o conflito sobre identificação com o "menino interior" e também serviu para constatar que esse menino jamais existira (EVARISTO, 2003, p.57). Esse processo de formação delinea a trajetória de encantamento com a professora de Walkíria, companheira durante algum tempo, mas falecida no tempo da presente da narrativa. A identificação (com a masculinidade) e a des-identificação (ou re-identificação, com a professora), processo do qual desencadeia a consciência de que há uma miríade de possibilidades de vivenciar/jubilar a mulheridade independente da orientação e prática sexual, afinal, gênero não é sexo e, muito amenos unívoco.

---

<sup>20</sup> SCHWANTES, 2003.

A autoaceitação e conhecimento possibilitou a Isaltina Campo Belo acessar uma forma de paz interior ou a conformidade segundo seus próprios termos. Essa passagem dum estado a outro mostra a eficácia (naturalização) do controle de gênero desde a infância. A matriz heterossexista prescreve a norma homem/masculino/desejo por mulheres e tudo o que não está nessa conformidade como antinatural, imoral, inexistente e passível de violência corretiva. A separação binária da sociedade em sexos junto à distorção sobre raças tem impacto brutal na consciência de todxs xs individuxs já que a norma é mítica, porém, quanto mais marcas de alteridade maior a possibilidade de internalização da violência, seja pela abjeção de si mesmxx como a agressão de outrem. Essa compreensão do conto possibilita ligar o final em aberto (Isaltina viúva e pronta para amar mulheres e ser amada por elas) ao início do conto: a narradora Negra sem nome descreve o prazer causado pelo abraço (afago franco) de Isaltina que ela "gostou tanto" que esperava a repetição no fim (Evaristo, 2003, p. 48), além da espontaneidade e gargalhadas como se fossem "íntimas companheiras". Através dessa circularidade, o texto sugere que há uma atração forte entre as duas mulheres e que, no momento, impedimento não há nenhum.

Consciência racial e de gênero são os pilares necessários para a vida de uma mulher ou garota Negra, pois ambas as marcas são marginalizações indissociáveis: corpos negros, femininos (ou por não o serem) de mulheres correm riscos diários de violência, inclusive porque, em sua maioria, são desprovidos de privilégio financeiro e simbólico. Audre Lorde (1984) já afirmou que a única solução é aceitação de todas as identidades e a união entre pessoas marginalizadas, não apenas para deixar de oprimir outrem, mas para evidenciar que podemos e precisamos ser o que quisermos. No conto de Conceição Evaristo (2003) fica evidente que é a união com sua companheira e a aceitação de suas múltiplas

identidades (desejo sexual por mulheres, Black Power) a conformidade com a escritora estadunidense.

A letra "You Gotta Be" (Você precisa ser) da cantora Des'ree (s/d) descreve a complexidade de emoções e atitudes que configuram humanidade e que as opressões direcionam à (auto)destruição. Sobreviver insubmissamente à violência cotidiana é, além de tudo, a micropolítica, a consciência de que:

Você precisa ser má  
Você precisa ser ousada  
Você precisa ser mais sábia  
Você precisa ser dura  
Você precisa ser rude  
Você precisa ser mais forte  
Você precisa ser legal  
Você precisa ser calma  
Você precisa permanecer sã  
(DES'REE. **You Gotta Be.**

<[www.youtube.com/watch?v=pO40TcKa\\_5U](http://www.youtube.com/watch?v=pO40TcKa_5U)>. Acesso em 10. Jul 15.<sup>21</sup>)

Saber que as opressões são forças que distorcem os processos múltiplos de constituição das identidades, não apenas torna possível viver com dignidade, altivez e amor como faz toda a diferença na forma de ler/escrever o mundo através da ficção ou não ficção.

## Referências

ARAÚJO, Bárbara. **Conceição Evaristo**: literatura e consciência negra. *Disponível*: <[blogueirasfeministas.com/2011/11/conceicao-evaristo/](http://blogueirasfeministas.com/2011/11/conceicao-evaristo/)>. Acesso em: 17 mai. 15.

---

<sup>21</sup> **Tradução nossa** do refrão original: "You gotta be bad, you gotta be bold, you gotta be wiser, you gotta be hard, you gotta be tough, you gotta be stronger, You gotta be cool, you gotta be calm, you gotta stay together".

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: Lendas e fatos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. 3.ed

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Editora Civilização. Brasileira, 2003.

CADE, Toni (org.). **The black woman: an anthology**. Canada: A Mentor Book, 1970.

COVIGNON, Lisa Danielle. **All The Girls Are White, All The Blacks Are Male: Experiences Of Young Black Women On The East Coast**. (Tese). San Diego State University, 2010.

CRISTINA, Teresa. **S/ Título**. Disponível em: < video-gru1-1.xx.fbcdn.net/hvideo-xpf1/v/t42.17902/11741542\_701462486653427\_913519423\_n.mp4?efg=eyJybnHiiOjUyMCwicmxhIjoxMDU2LCJ2ZW5jb2RlX3RhZyI6InJlc180MjZfY3JmXzIzX21haW5fMy4wX3NkIn0%3D&rl=520&vabr=289&oh=07abb42f6efd57388eb839ab7cdb1801&oe=55A0016F> Acesso em 10 jul.15.

DES'REE. **You Gotta Be**. <www.youtube.com/watch?v=pO40TcKa\_5U>. Acesso em 10. Jul 15.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas Lágrimas de Mulheres**. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A, 2006, 6.ed.

LEAL, Virginia Vasconcelos. **De trajetórias e conflitos: lesbofobia, espaço em contos de autoria feminina**. In DALCASTAGNÈ, Regina; LEAL, Virgínia Vasconcelos (org.). Espaço e gênero na literatura brasileira contemporânea. Porto Alegre: Zouk, 2015.

LORDE, Audre. **Sister outsider: essays and speeches**. California: The Crossing Press, 1984.

QUIANGALA, Anne Caroline. **Sobre equiparar ao que não existe**. Disponível em: <alpacaeditora.com.br/sobre-equiparar-ao-que-nao-existe/>. Acesso em 10 jul.15.

WALLON, H. **As etapas da personalidade na criança**. Objectivos e métodos da psicologia. Lisboa: Editorial Estampa, 1956.